

O que diz o CWI?

Apresentamos abaixo trechos do artigo *Construction workers' strike scores victory at Lindsey oil refinery*, de autoria de Bill Mullins, publicado no jornal *The Socialist*, órgão de imprensa do Partido Socialista (CWI¹ da Inglaterra e País de Gales).



Dirigente do Unite e a campanha do jornal Daily Star

A greve dos operários da construção consegue a vitória na refinaria de petróleo Lindsey

Bill Mullins

A negociação entre o comitê de greve da refinaria Lindsey e a companhia de petróleo Total, proprietários da refinaria, estabeleceu uma referência para dezenas de outros centros de trabalho na Grã Bretanha e, de fato, em toda Europa. Esta heroica luta de 1000 trabalhadores, além de engenheiros civis da refinaria (apoiada ainda por greves em mais 20 fábricas) que trabalhavam em diferentes contratos por toda a planta no norte de Lincolnshire, terminou com uma vitória dos trabalhadores.

Foi uma vitória sobre os chefes da Total (a empresa petrolífera francesa proprietária da fábrica), mas também sobre todo o regime neoliberal que opera na União Europeia. O processo expôs a irrelevância das leis antissindicaís quando as massas de trabalhadores vão à greve. Os operários garantiram 102 dos 198 postos de trabalho disponíveis nesse contrato de construção de uma nova unidade (HDS3) dentro da refinaria.

Como Keith Gibson explicava em seu artigo da semana passada no *The Socialist*: “A empreiteira original Shaw’s foi avisada que havia perdido uma parte do trabalho em favor de uma empresa italiana, IREM, que traria sua própria força de trabalho da Itália e de outros lugares”.

Como resultado, a Shaw’s afirmou aos delegados sindicais que alguns dos

1 CWI: Sigla em inglês da organização internacional *Comitê por uma Internacional Operária*.

trabalhadores sindicalizados ficariam disponíveis a partir de 17 de fevereiro, para dar lugar aos trabalhadores italianos.

O importante aqui não era o fato de serem italianos ou portugueses, mas que não fariam parte do “**Acordo Nacional para a Indústria de Construção e Engenharia**” (NAECI). Por quê? Porque, sob as leis da UE, respaldadas pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, isto seria visto como uma “restrição no comércio” e, portanto, contra a liberdade de movimento de trabalho e capital consagrada nos regulamentos e regras do clube capitalista da UE...

A imprensa ressaltou a palavra de ordem *trabalho britânico para trabalhadores britânicos*, utilizado por alguns grevistas nas manifestações. Ela não viu (e como se poderia esperar outra coisa da raivosa imprensa capitalista) que o caso dos grevistas é simples: estavam sendo excluídos de seus trabalhos por uma manobra dos patrões sob a fachada do “direito de movimento do trabalho e do capital sem restrições por toda a UE”.

Como dissemos no editorial do *The Socialist* da semana passada, “nenhum movimento operário é quimicamente puro. Elementos de confusão, e inclusive ideias reacionárias, podem existir e existiram nestas greves. No entanto, o objetivo fundamental desta luta se dá contra o ‘nivelamento por baixo’, pela manutenção das condições e de salários negociados pelos sindicatos nestes imensos polos de construção”.

As leis e orientações unilaterais existentes dão carta branca aos empresários para obrigar os operários a trabalhar por salários menores e em piores condições nos “países hóspedes”, desde que as condições mínimas de seus países de origem sejam cumpridas.

Eles não precisam ser sindicalizados e estava claro que os trabalhadores da IREM não eram, nem na Itália nem em outro país. A líder da Confederação de Sindicatos Italianos CGIL, Sabrina Petrucci, disse ao *Morning Star* (6 de fevereiro) que a IREM é conhecida por não reconhecer os sindicatos.

Mas a luta era muito mais que tudo isso. Era a luta pelo controle do local de trabalho por parte dos próprios trabalhadores. Se os diretores da Total, como proprietários da fábrica, e a empreiteira italiana, IREM, tivessem o caminho livre, teriam enfiado uma grande cunha nestes elementos de controle operário que haviam sido arrancados da direção da fábrica durante a etapa anterior.

Parte do acordo, o que é um avanço importante, permite aos delegados sindicais comprovar que os postos de trabalho ocupados por italianos e portugueses estão cobertos pelas mesmas condições que protegem os trabalhadores locais sob o NAECI (A Lindsey é conhecida como um local *blue book*²).

Isto significa, na prática, que os trabalhadores sindicalizados trabalharão ao lado dos trabalhadores italianos empregados pela IREM e que serão capazes de “auditar” sua situação. Esta era uma demanda fundamental dos grevistas quando eles adotaram uma pauta de reivindicações durante suas reuniões, incluindo que “todos os trabalhadores de Grã Bretanha sejam cobertos pelo NAECI e que todos os trabalhadores imigrantes sejam sindicalizados”.

Como uma salvaguarda extra para manter a organização sindical nas fábricas, os grevistas também aceitaram a petição do comitê de greve para criar “um registro dos desempregados e dos membros sindicalizados qualificados, controlado pelo sindicato”.

2 Blue book: literalmente *livro azul*, refere-se à cor da capa da encadernação do acordo coletivo de trabalho NAECI. Isto é, os trabalhadores de uma fábrica *blue book* estão cobertos pelo acordo.

Pontos de vista

Isto é exatamente o que os capitalistas não querem e que, desde seu ponto de vista é, verdadeiramente, uma “restrição ao comércio”, isto é, ao seu direito de explorar a força de trabalho sem que os sindicatos possam dizer nada.

O acordo também garante que os delegados sindicais da planta possam controlar a empresa italiana em reuniões regulares de coordenação.

Na década de 1970 alguns dos centros de trabalho melhor organizados, eram de fato *closed shops*³, tanto pré-emprego quanto pós-emprego. O que os grevistas da Lindsey pedem de forma bastante acertada é uma espécie de *closed shop* pré-emprego. Isto significa que, se os empreiteiros necessitam de mais trabalhadores, terão que se dirigir ao sindicato para contratá-los, a partir de seu registro de desempregados. Em outras palavras, o desempregado deve ser sindicalizado para estar no registro e poder ser contratado.

A alternativa ao controle sindical sobre “contratar e demitir” é que os patrões tenham esse direito e, neste caso, a quem darão emprego? Não aos ativistas sindicalizados! Como é habitual, existe uma “lista negra” feita pelos patrões amplamente utilizada na indústria.

A esquerda

Para sua vergonha, uma parte da esquerda foi totalmente absorvida pelas manchetes da imprensa capitalista durante a disputa, que destacou os aspectos da luta pelo *trabalho inglês para trabalhadores ingleses*...

A crise econômica amedrontou os trabalhadores, não só pela perda de seus empregos hoje, mas também pelos empregos de seus filhos no futuro. Anteriormente era possível para os trabalhadores conseguir trabalho em outras fábricas.

Uma característica do período anterior eram as “listas negras” de ativistas, o que levava a batalhas localizadas nos locais de trabalho para determinar quem dirigia as fábricas - as gerências ou os sindicatos?

Agora todos os 25000 operários qualificados na construção de grandes projetos de engenharia, tais como refinarias petrolíferas e centrais elétricas, são cada vez mais conscientes de que as coisas estão mudando. De fato, cerca de 1500, pelo menos, estão desempregados...

Os políticos capitalistas, como o Ministro do Trabalho Pat McFadden, queixaram-se de que o princípio de livre circulação estava sendo rompido pelo acordo. Referia-se à “liberdade” para os patrões de mover trabalhadores por todo o continente, escondendo-se sob as leis da UE respaldadas pelos tribunais (e contra os interesses dos trabalhadores) para minar a organização sindical.

Esta “liberdade” foi de fato rasgada pela greve que golpeou o processo de “nivelamento por baixo” e introduziu uma maior igualdade de condições.

O que surge agora é a maior necessidade de coordenação entre todos os sindicatos europeus e especialmente entre as organizações de base, tanto no local de trabalho quanto em âmbito nacional e, de fato, em toda a Europa, para unirem-se numa campanha maciça de difusão da vitória dos trabalhadores da refinaria Lindsey por todo o país e a UE.

3 Closed shop: literalmente *fábrica fechada*: empresa onde todos os seus trabalhadores são sindicalizados, por força de acordo coletivo.